

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Pós-Graduação Latu Sensu
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO
Turma_5 2023/2024

Relatos de Processos e Poética das Experiências antes e durante a minha
“Caminhada como Método para a Arte E Educação”.

Marietta Toledo Côrrea da Silva

Concepção e Coordenação da Pós-Graduação:
Profa. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk
Assistente de Coordenação: Profa. Ma. Bárbara Melo
Direção Geral d’A CASA TOMBADA:
Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira
Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

RESUMO

Neste trabalho de conclusão da pós-graduação: "Caminhada como Método para a Arte e Educação", apresento relatos dos processos e procedimentos que utilizo no meu fazer artístico, bem como o resultado das experimentações e ativações pelas quais fui instigada a produzir obras diversas, de textos a fotos bordadas.

Coloco aqui novos fazeres e questões que surgiram durante os 18 meses da caminhada proposta pela pós-graduação e pela convivência, embora virtual, mas profícua entre os alunos e os artistas / palestrantes que tanto contribuíram para que eu tivesse uma visão mais ampla sobre a minha produção.

PALAVRAS-CHAVE: Processos. Procedimentos. Intervenções. Têxtil.

SUMÁRIO

Introdução	5
Caminhas, passadas	6
Passada 1: marcas de percurso feitas com jatos d'água	7
Passada 2: registro de percurso através dos códigos de postes de luz.	14
Passada 3: residência artística em Epecuén – Argentina	15
Caminhas, presentes	35
Registro de caminhada até o Parque Trianon - 2022.....	36
Registro de caminhada vagarosa até a Casa das Rosas - 2023	41
Registro da caminhada de um pedaço de pão pelo meu corpo - 2023	46
Registro de caminhada sobre as imagens de uma construção de narrativa – 2023.....	61
Caminhado e caminhando.....	68
Entrelaçamento de fios - 2017.....	68
Caminhos Bordados – 2021 / 2023.....	74
Mandala – Crisálida – 2024.....	78
Entrelaçamento de fios – 2024.....	83
Começo	86
Referências Bibliográficas	88

“Pergunto-me se é assim que o mundo muda, como se transforma, sempre – não como um planeta errante no céu, mas como uma conjunção de pensamentos no espaço.”

COWAN, 1999: pág.82

Introdução

Quando decidi fazer a pós-graduação: “Caminhada como Método para Arte e Educação”, na Casa Tombada, ainda não tinha me dado conta de que já havia adentrado neste universo de marcas de percurso, deambulações e afins.

Penso agora também que nos objetos e instalações que construo, traço e realizo um caminho que, embora a princípio não seja planejado e pareça caótico, possui uma trajetória e direção na sua circularidade. Meus caminhos são circulares. Parece uma discrepância dizer que um caminho circular tem direção porque, na verdade, ele não tem direção, ou melhor, contém todas as direções.

Faço escolhas quando começo meu caminho de circularidade, porém, sei que sempre voltarei para o início. Pois é, pensando bem, para mim, ele tem somente uma direção que depende de uma decisão: caminho à direita ou à esquerda? No sentido horário ou anti-horário? Na minha circularidade tenho que decidir a direção. Depois, seguir em frente nesta decisão caso contrário não concluo o círculo. Não é sempre assim? Volto continuamente ao ponto de partida construindo círculos que caminham. Contando o tempo e marcando passos.

Bem, então, após essas elucubrações (talvez inspiradas pela leitura do livro *O Sonho do Cartógrafo* de James Cowan) inicio o relato de minhas caminhadas que dividi em três blocos: As "Caminhadas, passadas.", trabalhos executados tendo o caminhar como linha mestra, porém sem a pretensão de serem projetos de um artista caminhante; as "Caminhadas, presentes." (no sentido de ser também um mimo), onde fiz a seleção dos trabalhos que mais me impactaram durante essa pós-graduação.

No terceiro e último: "Caminhado e caminhando." apresento um recorte de obras relevantes dos últimos anos e outras atuais ou em processo de feitura.

As referências bibliográficas aparecem em forma de citações inseridas em meus relatos. Fiz uma seleção de textos e autores que “conversam” comigo ou sou eu que “converso” com eles? Não sei bem ao certo, mas, são livros que li recentemente, por indicação durante esta pós-graduação, e outros que recuperei em minha memória quando comecei a pensar neste escrito sobre relatos de processos e procedimentos.

O lugar onde coloquei as citações foi uma forma de mostrar sua conversa com a obra ou com o processo. E, também são importantes atalhos para o meu pensar.

Caminhadas, passadas.

Começo o registro de minhas "Caminhadas, passadas." que, até então, não eram vistas por mim como processo artístico ou obras em si no sentido em que agora se mostram após nossos encontros na “Caminhada como Método para a Arte e Educação”.

Os trabalhos que separei para apresentar aqui são intervenções fora do ateliê, no exterior. São, pequenas subversões em espaços públicos, que “batizei” com os nomes de “Passada 1”, “Passada 2” e “Passada3”.

A “Passada 1” fiz durante um trajeto diário, rotineiro, e, por ocasião de um trabalho coletivo na pós-graduação “Práticas Artísticas Contemporâneas”.

Embora não tenha registro, a “Passada 2”, tem importância enquanto projeto e por este motivo considereirei deixar pontuado neste trabalho.

A última passada, a “Passada 3”, é um trabalho que chamei de “marcas de percurso”, obra realizada na residência artística em Epecuén- Argentina.

Trato essas intervenções como “subversões”, isso mesmo, para mim são subversões porque o exterior não me pertence, então qualquer sinal ou marca por menor que seja que eu deixe lá fora é “proibido” por lei, tenho que ter autorização, certo? Mas a arte é urgente, muitas vezes não dá para esperar pela burocracia.

É um sentimento de não pertencer ou de não fazer parte do mundo “exterior”, talvez. Quando estou na rua fazendo algum trabalho, principalmente sozinha, sinto um pouco de medo de intervir no que não me pertence, ou no que pelo menos acredito que não me pertence. Acho importante, esse relato, neste momento porque, na verdade, me dei conta desse sentimento agora que estou escrevendo minhas experiências com intervenções na paisagem de fora.

Percebi que o sentimento de transgressão continua o mesmo nos trabalhos feitos nestes 18 meses da pós-graduação “Caminhada como Método para a Arte e Educação” e das ações feitas nos anos anteriores, durante outros estudos e participações de trabalhos em grupo.

Passada 1: marcas de percurso feitas com jatos d'água.

O trabalho que apresento a seguir foi executado no início de 2016, durante a pós-graduação, “Práticas Artísticas Contemporâneas”, na Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP.

Neste ano executei um exercício que surgiu com o grupo de alunos, meus colegas. Foi na época em que o Dória era prefeito de São Paulo. Ele queria,

e conseguiu, cobrir os grafites e intervenções feitas na cidade, colocando no lugar painéis de plantas.

Decidimos criar um endereço no Instagram com o nome de @pixodepelucia, e a cada dia publicávamos intervenções pela cidade como forma de protesto com um pouco de humor...

Eu já havia feito grafite em um muro com outros artistas, mas tínhamos permissão. Durante o mês em que fiquei pintando o muro (usei tinta acrílica e pincéis) ninguém veio me tirar dali, só ouvia ocasionalmente elogios e uma vez um homem abriu a janela do carro e gritou: “a polícia vai te pegar”, ou algo parecido.

Estávamos no final do mês de fevereiro de 2016 e fazia muito calor na cidade. Queria colocar minha marca na cidade, porém não queria que fosse permanente. Ou que de certa forma incomodasse, deixando vestígios. Foi quando pensei nos esguichos de carnaval. Quando criança, principalmente na praia costumava, com meus irmãos e amigos, sair esguichando água em quem passasse na frente de casa e recebíamos também as esguichadas de água caso abrissemos as janelas do carro quando saíamos na rua.

A água fazia desenhos no chão. Essa imagem saiu do fundo da minha memória de criança. Decidi usar o esguicho de água para grafitar as ruas da cidade.

Fiz uma adaptação de esguicho usando uma garrafa de detergente com o bico cortado bem fininho.

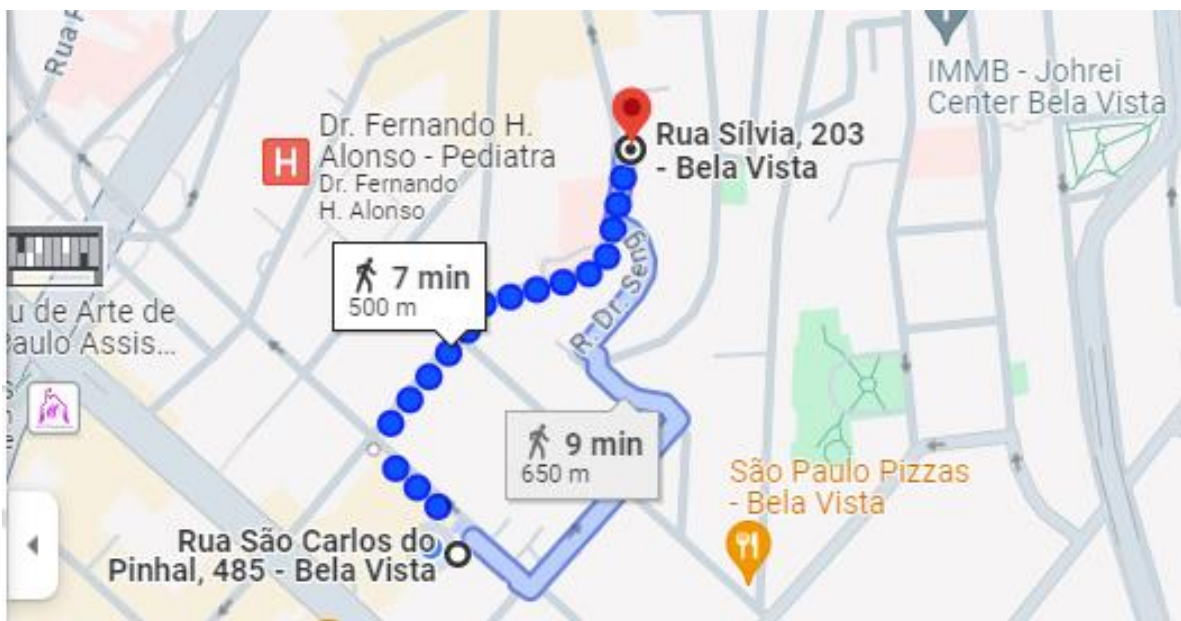
E assim munida com meu esguicho de carnaval improvisado saí fazendo minhas marcas pelas calçadas. Escolhi um percurso que costumava fazer duas vezes por semana nas redondezas da minha casa.

De certa forma queria mostrar uma rotina minha de caminhada através daquelas marcas feitas no chão. Mas que, ironicamente, ninguém

conseguiria ver ou seguir, pois com o calor do granito das calçadas as marcas não duravam muito tempo.

Essas imagens e outras desse nosso coletivo estão registradas em @pixodepelucia.

**Pixo de Pelúcia
2017**





Rua São Carlos do Pinhal, 485



Rua São Carlos do Pinhal, 557



Rua São Carlos do Pinhal, 627



Rua São Carlos do Pinhal, 701



Rua São Carlos do Pinhal, 757



Rua Pamplona, 309



Rua Sílvia, 422



Rua Sílvia, 276



Rua Sílvia, 203

Passada 2: registro de percurso através dos códigos de postes de luz.

Em 2019, após terminar a pós-graduação de “Práticas Artísticas Contemporâneas”, decidi participar de um grupo de estudos de uma professora que trabalhava com textos e performances, não era exatamente como eu procurava me expressar, mas queria experimentar e, principalmente, trabalhar com o mapa transacional que ela propunha buscando com isso entender a minha poética: porque escolho algumas formas, porque algumas cores, coisas que sempre foram questionadas, mas que eu não tinha a menor vontade de explicar. Enfim, acabei não terminando o curso, mas como nunca se passa impune a nenhuma experiência, fiquei marcada por esse trabalho na rua, que eu não teria feito por livre e espontânea vontade.

Ocorreu que a nossa professora teve que mudar seu ateliê para um novo local. Foi um processo difícil para ela e suas colegas artistas, pois, haviam passado muitos anos ali. Mas, enfim, encontraram outro ateliê bem próximo do anterior e daí a ideia de fazer uma caminhada do local anterior para o novo.

Foi proposto aos participantes do curso caminhar do antigo espaço de encontros para o novo. Durante o percurso percorremos várias ruas no bairro de Perdizes com ladeiras muito íngremes. Senti como se escalasse montanhas de chão de concreto.

Recebemos uma prancheta com folhas e caneta para que fizéssemos anotações durante o percurso. Seriam observações como, por exemplo: textos, desenhos, enfim, ficaria um registro individual deste deslocamento, que seria compartilhado em um próximo encontro.

Iniciei o percurso com a prancheta em mãos...

Sempre tive atração, se assim posso dizer, pelas inscrições dos postes de luz da cidade. Os números e letras que estão inscritos neles de várias formas são registros, mas do quê? Possuem a função de identificação? Esses códigos são a identidade de cada poste? Penso neles como gigantes esguios com uma marca de sua existência, como um RG ou um CPF que capacita a qualquer um encontrá-los.

Não encontrei os arquivos das fotos que fiz dos postes de luz que registrei durante este percurso. Mas deixo aqui o testemunho deste processo como um rascunho de um projeto futuro e uma experiência de caminha e marca de percurso vivida.

Passada 3: residência artística em Epecuén – Argentina

No final de 2021, fiz uma residência artística em Epecuén – Argentina. Essa cidade era um balneário a beira de um lago salgado com areia preta, com grande concentração de enxofre.

Devido a problemas de engenharia com os encanamentos que faziam a dragagem do lago para os hotéis e estâncias de banhos, o nível da água do lago Epecuén começou a subir e em 15 dias a cidade e arredores ficaram totalmente submersos. Esse acidente ocorreu em 1985 e, agora, o mais incrível: no ano de 2005, 20 anos depois, as águas começaram a baixar, revelando uma paisagem de árvores com os troncos brancos de sal, e uma cidade fantasma, como se tivesse sido abandonada durante sua demolição.

“Acabo de llegar a una ciudad de la cual desconozco su nombre. Hombres, como yo, circulan por las calles. Nada me liga a ellos, No soy conocido em la ciudad; yo no conosco a nadie.”

PIQUEIRA, 2020: pág.26



Rua da entrada principal das ruínas da cidade de Epecuén

Nosso primeiro dia de atividades foi um “reconhecimento de terreno”, um aterramento nos arredores da cidade de Epecuén, que no passado, esteve submersa nas águas salgadas do lago.

Foi um exercício fundamental para que sentíssemos profundamente o lugar onde iríamos caminhar pelos próximos dias na busca de material e inspiração para realizar trabalhos que falassem com o território demarcado pela inundação.

Ao tocar os pés na areia dura, percebi que havia uma crosta branca de sal por toda a praia na beira do lago. As árvores estavam todas secas, várias cortadas, mostrando somente uma parte do tronco e as raízes. Sim! As raízes. Sobrenaturais, firmes, sólidas e agarradas ao chão árido.

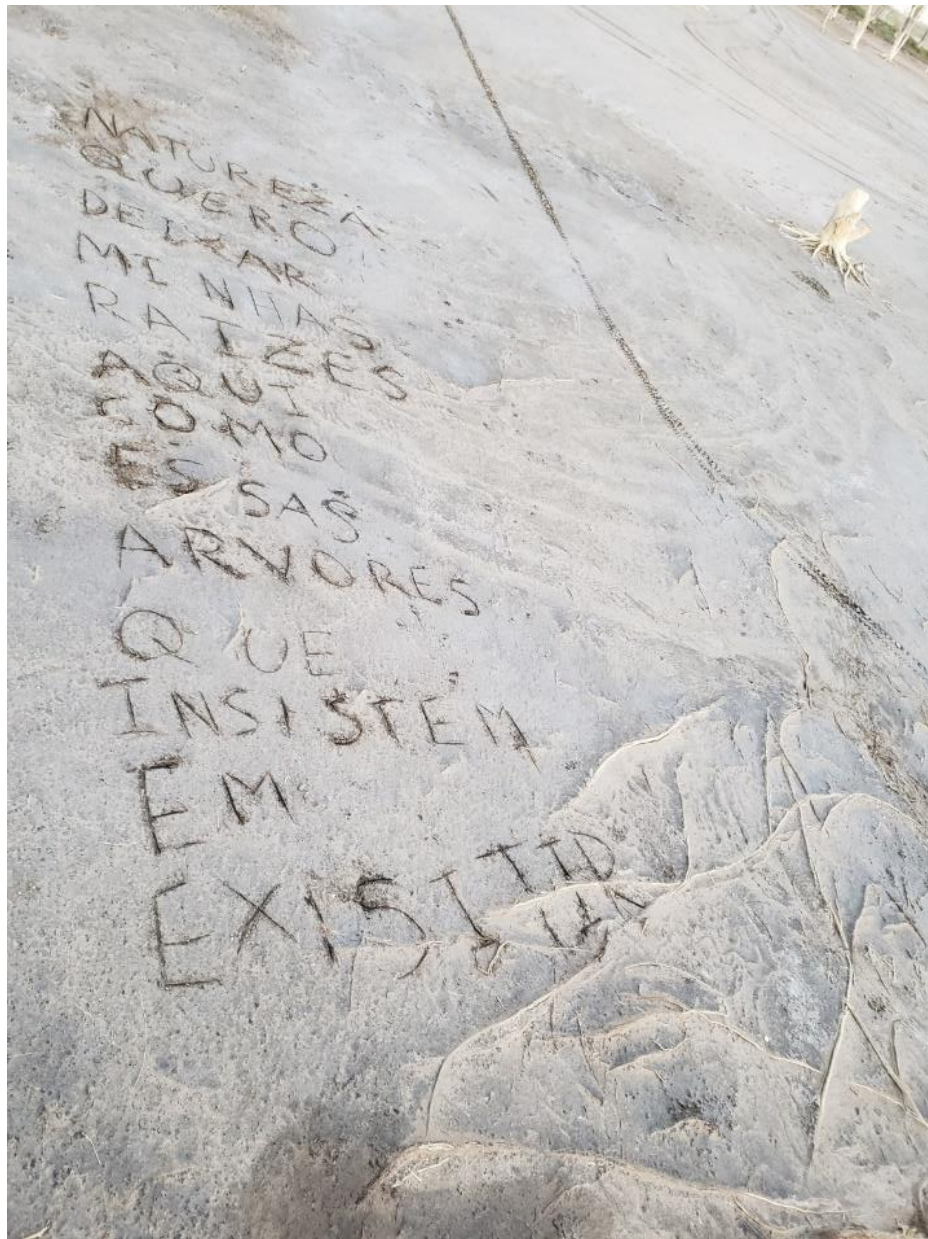
Senti uma grande emoção ao notar aquelas raízes, várias se espalhando e se entrecruzando pelo chão arenoso. Um pensamento forte tomou conta

de mim, ou uma imagem começou a se formar, a imagem da resistência, da resiliência, da permanência, da marca da força daquelas criaturas já sem vida que bradavam eu existo! Eu estou aqui!

Foi com esta emoção e este pensamento que, na areia dura entre as raízes dessas árvores, deixei um registro em forma de texto da minha existência àquelas que um dia foram vivas e agora, mesmo em forma de esqueletos orgânicos, ainda se mantinham agarradas ao solo, como que neste ato mostrassem a vontade de "ser".



Conversas sobre as raízes



NATUREZA

QUERO

DEIXAR

MINHAS

RAÍZES

AQUI

COMO

ESSAS

ÁRVORES

QUE

INSISTEM

EM

EXISTIR

“Só existimos fazendo existir. Ou melhor, só nos tornamos reais se tornarmos mais real aquilo que existe.”

LAPOUJADE, 2017: pág.99

Pois bem, no primeiro dia de visita à cidade de Epecuén, foi-nos informado pela guia local que não seria permitido que retirássemos qualquer material da cidade. Então poderíamos eventualmente fazer alguma intervenção, mas com supervisão e sem retirar qualquer item do lugar.

Esta fala da guia, logo no primeiro dia, me instigou a fazer pequenas subversões. Pensei: “não posso levar nada daqui, mas posso realocar pequenos itens que podem até mesmo passar despercebidamente e que de certa forma marque a minha presença no lugar”.

Foi assim que iniciei a compor uma série de pequenas instalações, ou melhor dizendo, sites específicos em todos os locais que conheci na cidade de Epecuén. Os quais passei a chamar de Vestígios.

Vestígios 2021



No primeiro dia, nos reunimos do lado oposto à entrada do parque de Epecuén, para ouvirmos a guia e zeladora do parque sobre a história do lugar e orientações sobre as visitas.

Enquanto a escutava fiquei olhando para o chão que era de terra batida com pedrinhas de diversos formatos e cores. Tomei uma pequena distância do grupo e comecei a separar as pedrinhas por cor e formato.

E, não resisti, acabei construindo uma marca com elas, um símbolo, talvez? Fiz um registro fotográfico quando me dei por satisfeita com a forma final das pedrinhas. (Vestígio 1).

E, foi assim que a partir deste primeiro dia, (05/11/2021, às 10:52:51, segundo o registro do nome do arquivo da foto desta intervenção) decidi que faria uma pequena marca no chão todos os dias que fosse para Epecuén.

Depois da segunda marca que fiz, percebi que deveria também registrar a localização, uma vez que eram efêmeras, iriam desaparecer com o passar do tempo.

Por este motivo, o título de cada intervenção é a coordenada de sua localização.



Marcas de Percurso – Vestígio 1
(-37,129668; -62,804994), 2021
Pedras rearranjadas sobre terra
30 cm x 10 cm



-37,129668; -62,804994

No segundo dia pela manhã, fomos a uma praia próxima às ruínas de Epecuén. Estávamos em uma grande extensão de areia muito dura, coberta com uma camada de sal. A areia em volta do lago é preta e a camada de sal que se deposita nela a deixa com um tom acinzentado. Neste local fizemos um exercício de “aterramento”. Nos reunimos em um círculo e ouvindo a voz tranquila de nossa instrutora, iniciamos um processo para nos conectarmos com o lugar, tentando diminuir a frequência dos pensamentos e preocupações que perambulam de lá para cá, em nossa mente, sem nos dar trégua.

Durante esta meditação, senti a força das raízes das árvores que restavam no local já sem vida e escrevi a mensagem que deixei gravada na areia. Depois disso, caminhei para um local solitário longe dos demais membros do grupo e próximo ao lago desenhei na areia o Vestígio 2.

Um sinal em caracol, feito girando um galho que encontrei por lá e usei como ferramenta. Assim, com um só movimento lá ele ficou.



Marcas de Percurso – Vestígio 2
(-37,125765; -62,821168), 2021
Desenho sobre areia
32 cm x 35 cm



-37,125765; -62,821168

Penso agora que deveria ter escrito um diário durante os dias em que estive em Epecuén, pelo menos um registro de nossas idas às ruínas que eram diárias e até, algumas vezes, repetindo-se no mesmo dia. As imagens do por do sol, da floresta de árvores brancas, do solo salgado, sempre me surpreendiam.

No terceiro dia fizemos um piquenique em uma fazenda, que também tinha ficado submersa. Bem próximo ao local que escolhemos colocar nossa toalha e fazer nossa refeição havia as ruínas de uma casa e a sua volta o que havia sido, creio eu, uma plantação de trigo e algumas plantas comestíveis. Descobri várias pequenas touceiras de rúcula que coloquei no meu sanduíche de queijo e presunto.

Conversamos sobre nosso processo e o que tínhamos produzido até então, melhor dizendo, o que interessava a cada um. Que pontos de exclamação ou de interrogação havia surgido? Qual seria a nossa reflexão individual? Como tínhamos sido, até o aquele momento, afetados por aquele lugar, por toda a sua visualidade e ambiência fantasmagórica e perene.

Antes desse nosso debate, havíamos caminhado pelo terreno, que diferentemente dos outros locais nos quais tínhamos estado, possuía muita vegetação.

Exploramos a casa em ruínas. Era um dia belíssimo de sol e de céu muito azuis. A construção descascava-se, as janelas emolduravam o campo e o céu num enquadramento perfeito de pintura.

Afastando-me um pouco do grupo descobri um lugar onde a vegetação estava cortada, havia como que uma clareira aberta em meio a vegetação baixa que me lembrava uma plantação de trigo. Será que era trigo?

Foi neste lugar que decidi construir o Vestígio 3, usando os galhinhos daquela vegetação viva, mas seca. O lugar parecia ter me chamado como se estivesse preparado para uma pequena intervenção com os galhinhos secos ali em volta esperando para serem reunidos em forma de espiral, novamente e sempre no meu fazer despretensioso de dizer: “Eu estive aqui”.



Marcas de Percurso – Vestígio 3
(-37,106743; -62,825249), 2021
Galhos secos rearranjados sobre terra
40 cm x 45 cm



-37,106743; -62,825249

Existe um lugar nas ruínas de Epecuén que se chama “Matadero”. É um lugar onde se fazia o abate do gado. Muito imponente, mesmo em ruínas ainda mostra como era importante para a economia local. Uma linha de trem passava por dentro do edifício, pois o gado era levado por trens para o abate e depois de morto suas carnes transportadas para o consumo. Como somos brutos e cruéis!

Fizemos uma atividade nos arredores do Matadero e dentro dele também. Um dos participantes da residência era músico e regente de pequenos grupos experimentais que tocam música asiática. Ele nos pediu para participar de uma gravação neste local.

Sob a sua coordenação montamos um coral com sons dissonantes. Emitíamos sons como *kakakakakakakaka*, e depois *torotorotorotoro*, e assim por diante.

Foi uma experiência emocionante principalmente pela reverberação do som que emitíamos dentro das salas do Matadero.

Depois da nossa ação, caminhei para a área que ficava atrás dessa construção e que tinha o chão de areia dura coberta de sal, muito semelhante à que encontrei na praia onde fizemos nosso “aterramento”.

Ali, desenhei mais uma marca de existência. Era uma espiral, mas, com um círculo fechado dentro dela. Fui perceber que havia esse círculo nesse desenho agora, na verdade, por conta do trabalho de bordado na foto dessa intervenção, que fiz no ano passado e que está no capítulo “Caminhadas, presentes.”.

Estranho símbolo esse do Vestígio 4.



Marcas de Percurso – Vestígio 4
(-37,143235; -62,787674)
Desenho sobre areia
35 cm x 32 cm



-37,143235; -62,787674

Comentei, logo no início deste relato sobre a caminhada pelas ruínas de Epecuén, que de toda a aridez do local, uma das visões mais impressionantes que tive foi a das árvores.

Todas ali, ainda enraizadas no solo, sem folhas, sem vida, porém altivas e firmes em direção ao céu. Troncos e galhos brancos. Todas elas pareciam engessadas naquele local.

Todos os dias quando pegávamos a estrada, vindos da cidade de Carhué (cidade que fica a poucos metros de distância), em direção às ruínas de Epecuén, contemplávamos uma brusca mudança de paisagem.

Saíamos de uma cidade com muitas árvores e área verde, e quando chegávamos próximo ao lago já notávamos a mudança na imagem que passava a ser cinza e branca.

No quarto dia fomos a um local um pouco mais distante da cidade de Epecuén, o Bosque Blanco.

Visão belíssima e, ao mesmo tempo, triste, um bosque formado por árvores brancas! Somente raízes, troncos e galhos, cobertos de sal.

Neste lugar havia também um maquinário todo carcomido e enferrujado que no passado servia para bombear a água salobra do lago. Não me perguntem para onde...

Passamos a tarde ali e ficamos até o anoitecer. Fizemos caminhadas, trabalhos e também novamente um exercício de meditação e aterramento, em meio àquela paisagem fantasmagórica.

Foi neste local, próximo ao lago e à estranha engenhoca enferrujada que decidi deixar mais um vestígio da minha passagem.

Desta vez, encontrei galhos secos que estranhamente tinham o formato semi circular, talvez por haverem secado muito pelo efeito da salinidade,

não sei. Estavam lá, próximos às raízes expostas de uma árvore. Soltos, como que esperando para serem coletados e de certa forma revividos.

Uma das pontas era mais grossa, talvez fosse a parte que ficava grudada no tronco. Fazia uma pequena curvatura e depois ia afunilando até a outra ponta.

Eram também muito brancos, acho que os mais brancos que encontrei em todas as minhas andanças por lá. Pareciam serem feitos de gesso.

Pois bem, foram várias as configurações que experimentei. Havia muitas possibilidades de construção para esses pequenos galhinhos belíssimos em sua textura (eram cheios de ranhuras, semelhante às dos galhos do coqueiro), cor e forma.

Finalmente, decidi que a melhor forma do Vestígio seria, como sempre, a espiral. Foram várias as tentativas, de novas configurações, mas a imagem da espiral era muito forte, muito presente, então foi assim que construí o Vestígio 5.



Marcas de Percurso – Vestígio 5
(-37,158179; - 62,776582), 2021
Galhos petrificados sobre areia



-37,158179, -62,776582

No último dia de visitação às ruínas fui acompanhar uma colega na construção de uma instalação em uma das praias do lago Epecuén. Era uma instalação efêmera, uma enorme pintura feita em papel que seria presa na areia, por pedras ou pela própria areia, que foi a solução final, pois ventava muito neste dia e enterrar as pontas do trabalho na areia o deixou mais estável. A cor da pintura era rosa, não sei se fui influenciada por esta cor, ma acabei coletando no local algumas pedras desta cor.

Nas pequenas intervenções que havia feito até então, estava utilizando a matéria própria do local. No início foi por acaso, mas já havia percebido que procurava coletar e rearranjar o que era nativo, como, por exemplo: galhos secos, pedrinhas e areia.

O lugar onde minha colega decidiu parar para fazer a instalação de seu trabalho era uma pequena praia à beira da estrada que levava às ruínas da cidade de Epecuén.

Como toda a orla do lago, a areia era negra com uma camada fina de sal. E digo que era sal, com propriedade porque eu cheguei a provar a areia branca e realmente era muito salgada. Bem, podemos dizer que a fina cobertura branca que cobria a areia negra era uma camada de sal.

A rodovia que passava bem próxima à praia ficava alguns metros acima da praia, então havia uma pequena parede que sustentava a lateral da estrada que dava para a praia, tínhamos que descer um pequeno morrinho. Percebi que havia muitas pedras nesse desnível da estrada para a praia. Acredito que estavam lá para evitar que o vento retirasse a areia e causasse um desmoronamento.

Enfim, digo isso porque encontrei na praia algumas dessas pedras soltas, bem próximas da margem do lago. Decidi fazer minha última marca com elas.

Creio que não eram pedras vindas desta região arenosa, mas de certa forma pertenciam ao lugar mesmo que o tenham reconfigurado por terem o propósito de fazer parte de uma construção civil e estarem cumprindo outra função ao serem encontradas na beira do lago, como se sempre tivessem pertencido àquele lugar.

Fui atraída pela cor e textura. Quanto às formas, bem, eu sabia que tinham sido feitas por ferramentas humanas, não tinham sido esculpidas pela natureza, mas, mesmo assim, decidi utilizá-las.

Pensando melhor agora, acho também que são uma marca do lugar como a grande maioria dos locais onde a humanidade transita, tem que ter uma estrada, muros de arrimo e paredes.

Então foi assim que montei na areia desta praia, à beira do lago Epecuén, o último e efêmero vestígio de minha presença por lá.



Marcas de Percurso – Vestígio 6
(-37,162236; -62,781750)
Pedras rearranjadas sobre areia
35 cm x 32 cm



-37,162236; -62,781750

Caminhadas, presentes.

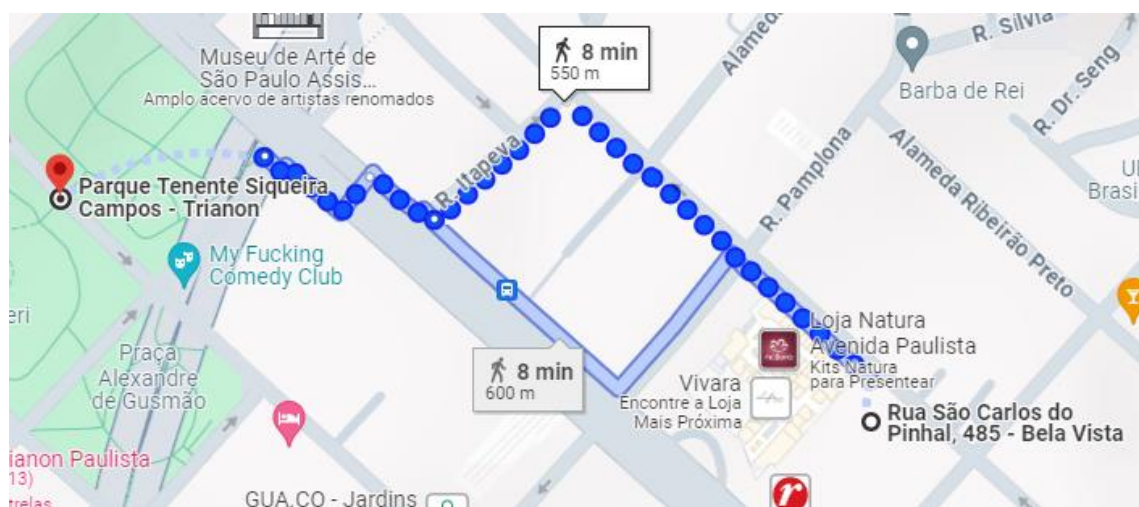
Neste capítulo, apresento alguns trabalhos que selecionei da produção resultante das ativações propostas pelos percursos e caminhadas que realizei durante essa pós-graduação.

São desenhos, textos, intervenções em fotografia, pinturas e frotagens, enfim experimentações diversas que transitaram por procedimentos diversos que deixo registradas aqui.

Agora revendo meu caderno de anotações, percebo quantas possibilidades de trabalhos e de expressão construí durante esta caminhada. Selecionei somente quatro de um universo maior, que continuarão registrados aguardando o momento para gerar novos dizeres.

Então, seguem aqui minhas experiências com o caminhar, o que reverberou em mim, que caminhos segui, que processos mais me tocaram.

Registro de caminhada até o Parque Trianon 2022



“São árvores muito grandes, cobertas de penugem brilhante de uma brancura ofuscante. Seus troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros. Dessas bocas inumeráveis saem sem parar cantos belíssimos, tão numerosos quanto as estrelas no peito do céu”

KOPENAWA E ALBERT, 2015:pág114

A proposta era fazer uma caminhada pela cidade e, através da fricção de lápis sobre papel, procedimento chamado de frotagem ou decalque, muito utilizado pelo artista Max Ernst (1891-1976), decalcar objetos que encontrássemos pelo caminho, e que tivessem uma reverberação em nós.

Poderia ser tampas de ferro das concessionárias de água, luz e telefone cravadas nas calçadas, placas, esculturas públicas ou mesmo galhos, troncos, folhas e raízes das árvores, caso chegássemos a um local com natureza.

Decidi caminhar até o Parque Trianon, ou Parque Siqueira Campos. Costumo frequentar esse parque que, apesar de pequeno, tem um bosque exuberante formado pelo bioma da mata atlântica. Sempre que vou lá costumo fazer uma “visitinha” ao Fauno, escultura de Victor Brecheret que “reside” nesse parque.

Agora penso que deveria ter feito uma frotagem do Fauno. Não fiz, mas a placa com o título da obra e do autor não passaram despercebidos. Usei grafite preto e papel vegetal.

Como boa selecionadora, como posso dizer, como boa ordenadora, talvez seria a palavra mais correta, uni todas as frotagens feitas com papel vegetal em um único bidimensional usando a costura com fio de algodão para uni-las, o que gerou o “Caminho-Memória”.

A estética é pessoal, não me perguntem por que a frotagem das árvores está entre as frotagens de títulos e indicações de nomes, trata-se de uma escolha minha.

Talvez a frotagem dos troncos de árvore no meio das palavras dê mais firmeza para os textos, estão “pregados” ao lado de dois troncos fortes.

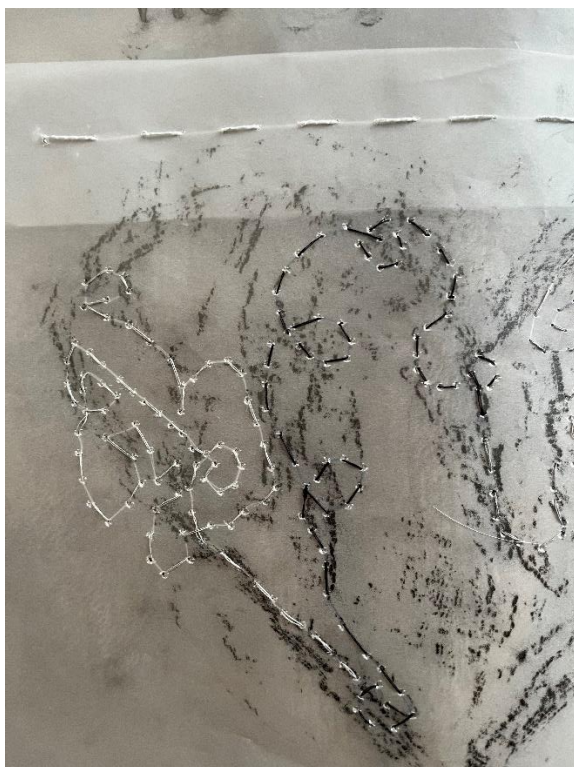
A imagem que aparece no canto inferior esquerdo em forma de coração foi retirada de uma árvore, que teve sua casca arrancada com faca, ou outro utensílio cortante, como é de costume, os “vândalos civilizados” fazerem para marcar seu nome ao lado da pessoa amada num coração.

Fiz alguns pontos com linha preta e branca nesta imagem, tentando de alguma forma costurar a casca da árvore rasgada ou talvez a recortar ainda mais?



Caminho – Memória, 2023

Frotagens em papel de vegetal costuradas com barbante cru
100 cm x 90 cm



Caminho – Memória (detalhe)

Como havia dito anteriormente, levei para a caminhada até o parque do Trianon folhas de papel vegetal e de papel de seda, verdes e brancos. Os papéis de seda eram de tamanho A4. Não me lembro onde os encontrei, se foram comprados ou se os ganhei, enfim, estavam na gaveta de papéis.

Na maioria das vezes, quando faço frotagem tenho atração por fazê-las em papéis transparentes. As cores branca e verde dos papéis de seda não foram intencionais, simplesmente estavam na gaveta.

Posto isso, e também sem ser proposital, decidi usar os papéis de seda para frotar os troncos das árvores. Tenho uma ou duas frotagens de folhas, somente. Por quê? Tinha maior apoio com o papel no tronco da árvore? Não creio. A verdade é que agora vendo as frotagens penso que trouxe comigo as imagens das peles das árvores. Suas diferentes texturas, suas nervuras grossas e outras finas, lisas com uma superfície quase marmórea.

Agrupei todas as frotagens feitas com papéis de seda. Instintivamente dobrei cada papel ao meio e depois cada metade ao meio novamente, no

sentido vertical. Esse gesto fez com que os papéis tivessem várias dobraduras triangulares como se fossem longos telhados, ou simplesmente formas triangulares.

Uni as dobraduras pelas pontas com dois fios vermelhos. Porém, depois de muitas experimentações, decidi pela montagem das frotagens separadas, sem o fio para as unir, que resultou na obra "Casca".

Penso nela agora como pequenas amostras movediças e caminhantes das "peles das árvores", ou será ela, simplesmente, um relato dos registros destes seres imensamente fortes e estáticos em sua movência vertical?

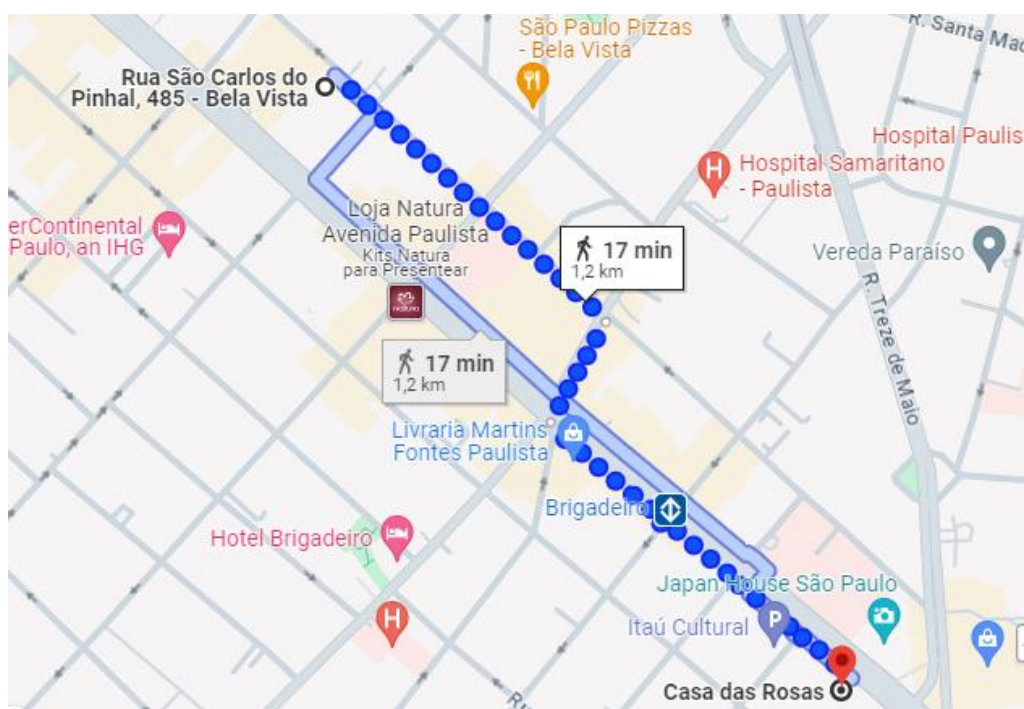


Casca, 2023

Frotagem de troncos de árvores em papéis de seda verdes e brancos

100 cm x 90 cm

Registro de caminhada vagarosa até a Casa das Rosas 2023



“Os passos são como nuvens, vêm e vão.”

CARERI, 2013: pág.135

A proposta era fazer um caminho com um destino pré-determinado, porém de uma forma muito lenta. Foi uma experiência muito diferente do que eu imaginava que seria. Demorei muito mais do que o dobro do tempo que, em geral, demoro para chegar na Casa das Rosas. Eu me senti como que flutuando pela rua. Sim, a sensação de caminhar lentamente, sem pressa para mim foi a de flutuar pela rua, não me recordo de sentir a pressão dos meus pés dentro dos sapatos pisando no chão. Que experiência!

Agora lendo o texto que escrevi com as sensações que tive no caminho e pensamentos que passavam, indo e voltando pela minha mente, vejo que escrevi a palavra “dor”. Não sei por quê. Se senti alguma dor talvez já a tivesse comigo. Não me lembro de nenhuma dor, mas sim do incômodo dos cartazes e mensagens escritas que haviam no jardim da Casa das Rosas.

Qual é a necessidade de tanta informação em um lugar feito para a contemplação? Parece que não podemos parar nunca, sempre tem uma informação a mais para colocarmos em nossos arquivos mentais. Que saco! O caramanchão maravilhoso estava cheio de pôsteres maculando aquele lugar que poderia ser um oásis na cidade, um oásis de silêncio imagético.

Essa ativação gerou o entrelaçamento, nas páginas de meu caderno de registros, de textos e palavras soltas com uma intervenção / desenho.

Pé

Dor

Perna

Cabeça

Mundo

Lentidão

Sono

Relaxamento

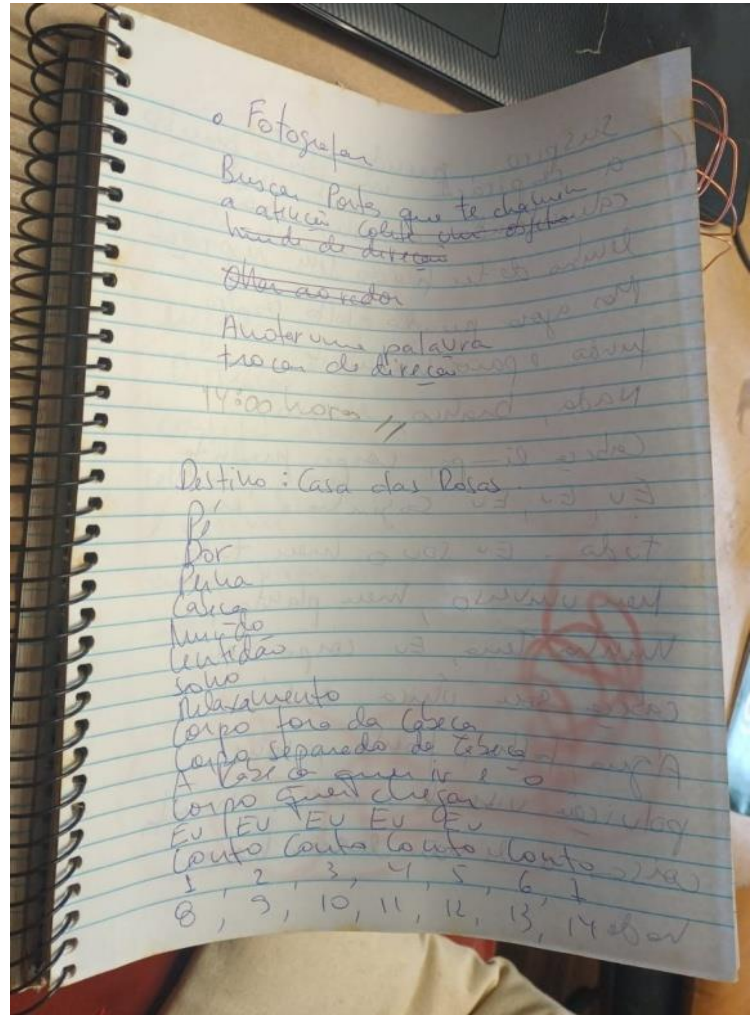
Corpo fora da cabeça

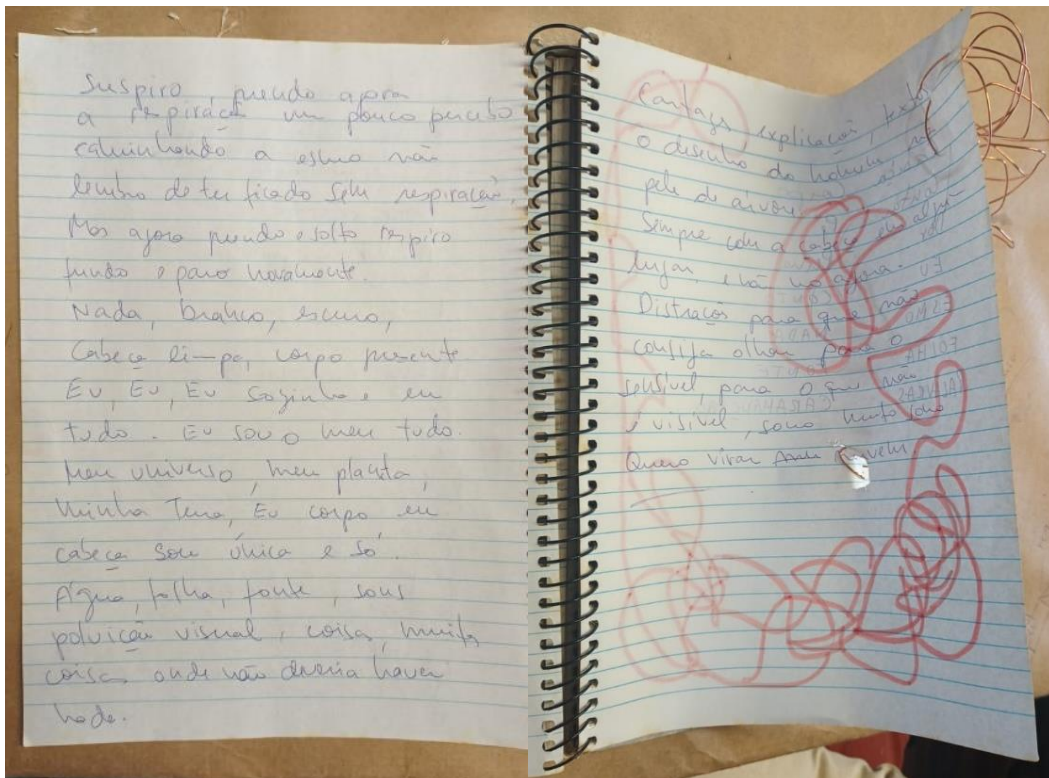
Corpo separado da cabeça

EU EU EU EU EU

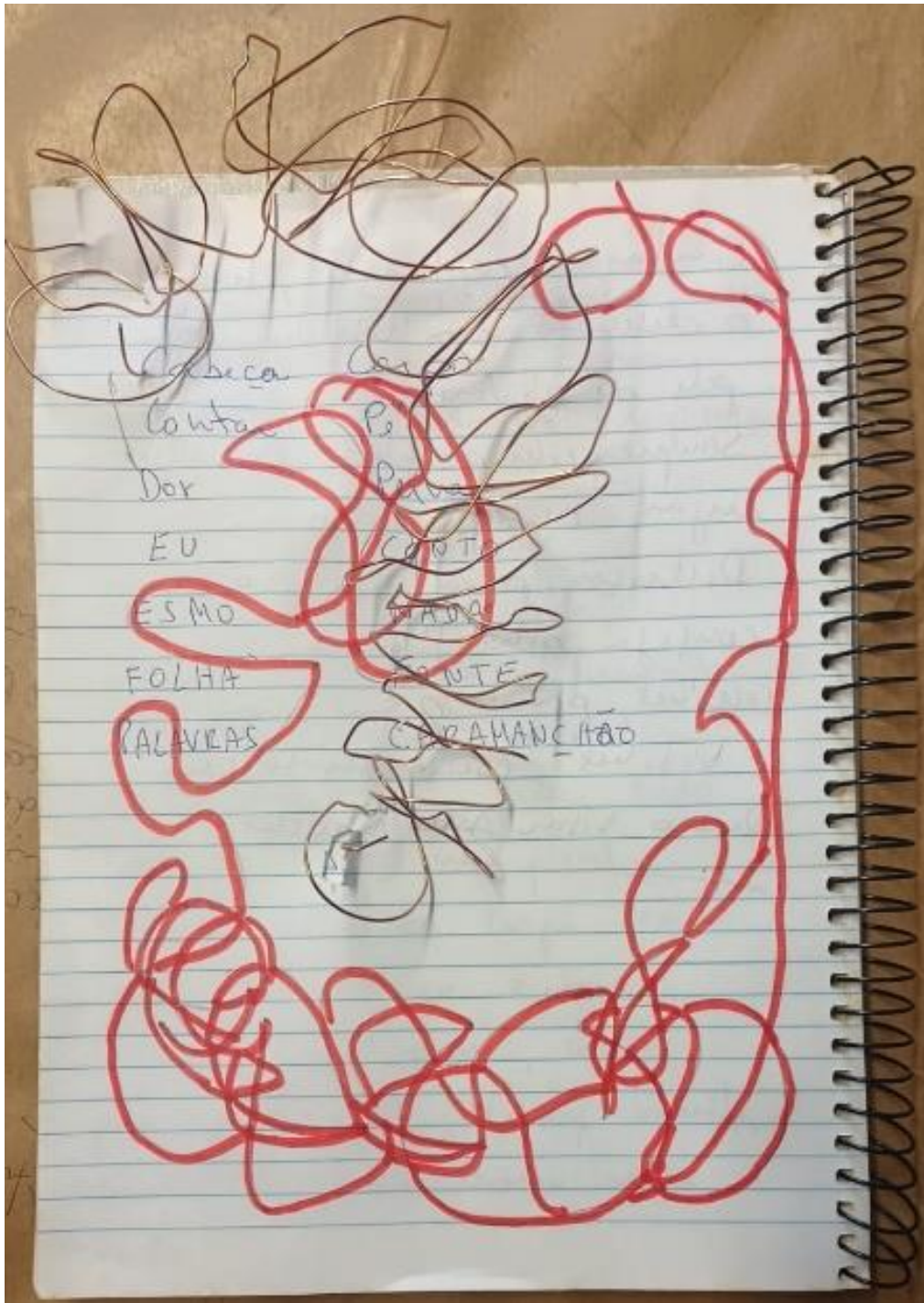
Conto Conto Conto Conto

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14





Suspiro, prendo agora a respiração um pouco, percebo.
Caminhando a esmo não lembro de ter ficado sem
respiração mas, agora prendo e solto, respiro fundo e paro
novamente.
Nada, branco, escuro, cabeça limpa, corpo presente.
Eu, Eu, Eu sozinha e Eu tudo.
Eu sou o meu tudo.
Meu universo, meu planeta, minha Terra. Eu corpo, eu
cabeça. Sou única e só.
Água, folha, fonte, sons, poluição visual, coisas, muitas
coisas onde não deveria haver nada.
Cartazes, explicações, textos. O desenho do homem, na
pele de árvore.
Sempre com a cabeça em algum lugar e não no agora.
Distrações para que não consiga olhar para o sensível, para
o que não é visível.
Sono, muito sono. Quero virar nuvem.



CABEÇA

CONTO

DOR

EU

ESMO

FOLHA

PALAVRAS

CORPO

PÉ

PERNA

CONTO

NADA

FONTE

CARAMANCHÃO

**Registro da caminhada de um pedaço de pão pelo meu corpo
2023**

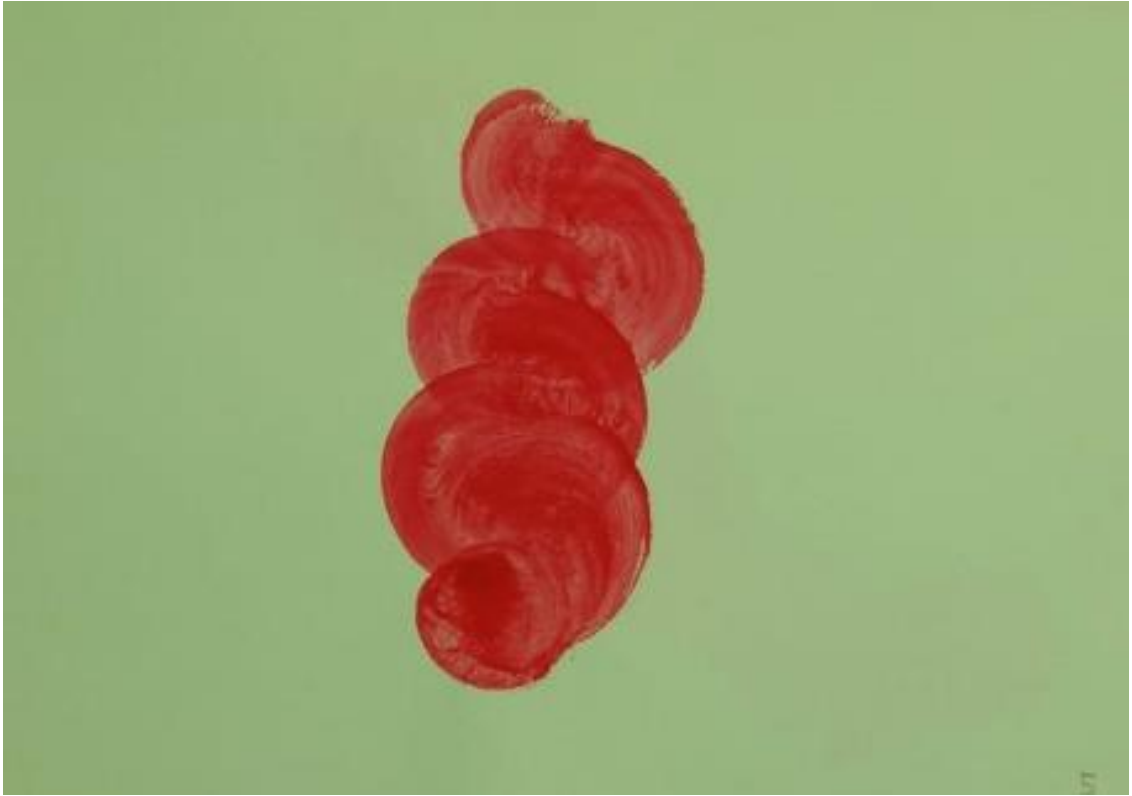


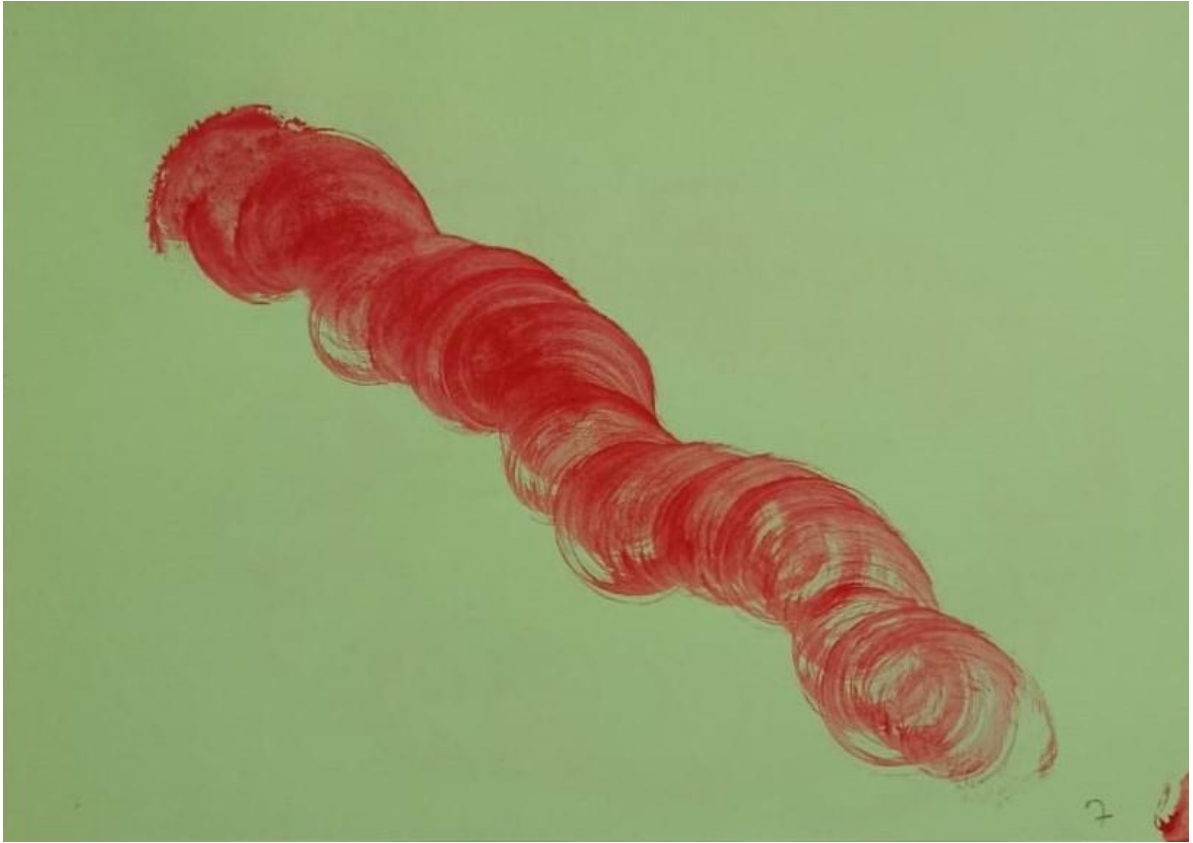
“Se descobrirem o tempo vão ver que é facilimo ter uma claraboia e um poço, que as coisas de fora e as coisas de dentro ficam transitáveis.”

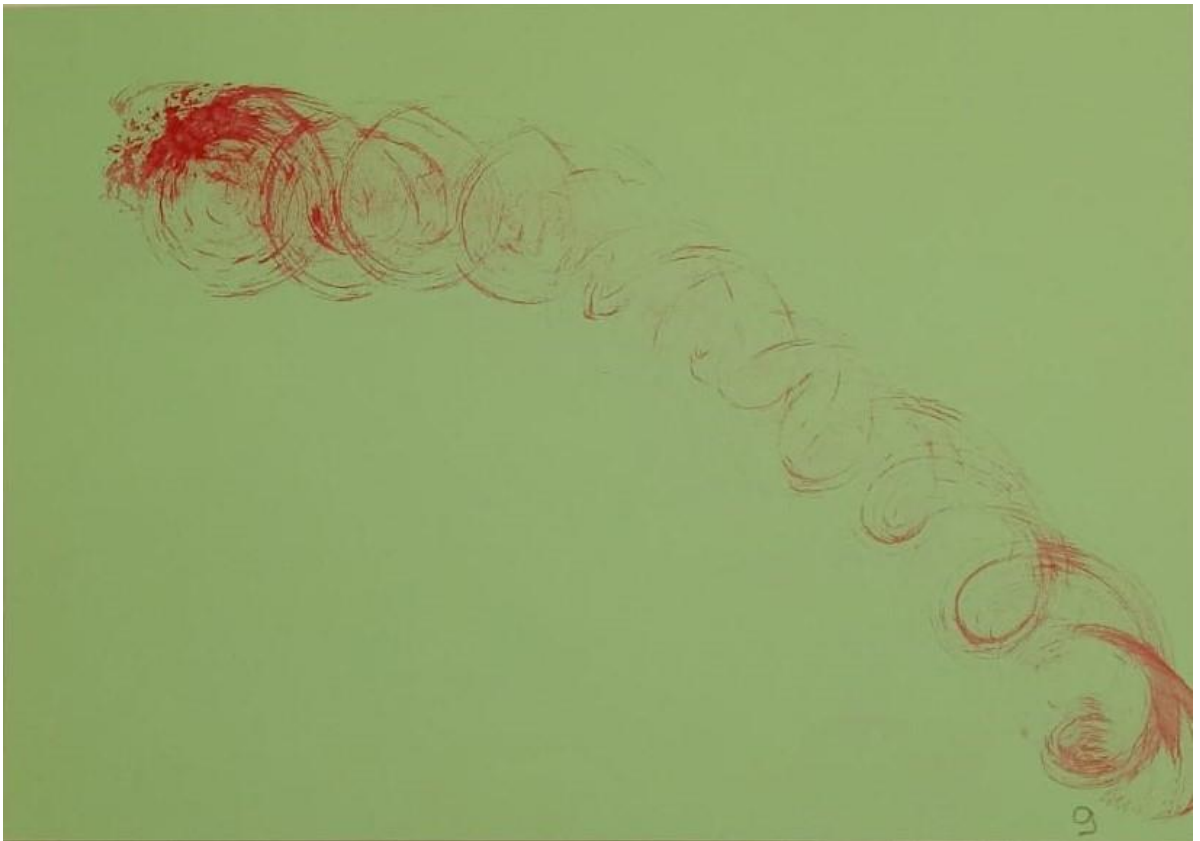
HILST, 2003: pág.38























“Agora não sei se digo as coisas que preferia calar ou se calo as coisas que preferia dizer. Preferia calar mas vou dizer que é preciso descobrir o tempo.”

HILST, 2003: pág.38

A caminhada do pão dentro do meu aparelho digestivo aconteceu em um de nossos encontros / ativações. Neste dia fizemos vários exercícios com um pedaço de pão. Lá pelas tantas, comecei a ficar com fome e acabei comendo o pão, pensei que já tivéssemos terminado os exercícios.

Porém, o último exercício era justamente para comer o pão e descrever a sensação desta ação dentro da boca. Como eu já o tinha deglutido, pensei: posso fazer um exercício de percebê-lo caminhando através do meu aparelho digestivo!

Foi assim que executei os 21 desenhos apresentados nas páginas anteriores. Escolhi a tinta a óleo de cor magenta. Tenho uma atração enorme por essa cor, mas, acredito que meu inconsciente foi quem a escolheu, pois, por ser um caminhar dentro do corpo, representou melhor minhas entranhas, creio eu.

As folhas de tamanho A4 de cor verde, eram as que eu tinha disponível para o exercício e eram exatamente 21 folhas, então supus que ao término do caminhar pelas folhas o pedaço de pão que eu havia deglutido já estaria dissolvido, ou melhor dizendo, já estaria transformado em outra matéria.

Coloquei uma porção razoável de tinta em um pincel bem largo e com um cabo longo. Comecei a fazer movimentos circulares com o pincel para caminhar com ele pela folha espalhando a tinta sobre ela, ou melhor dizendo a tinta estava reproduzindo o movimento que eu fazia com o pincel.

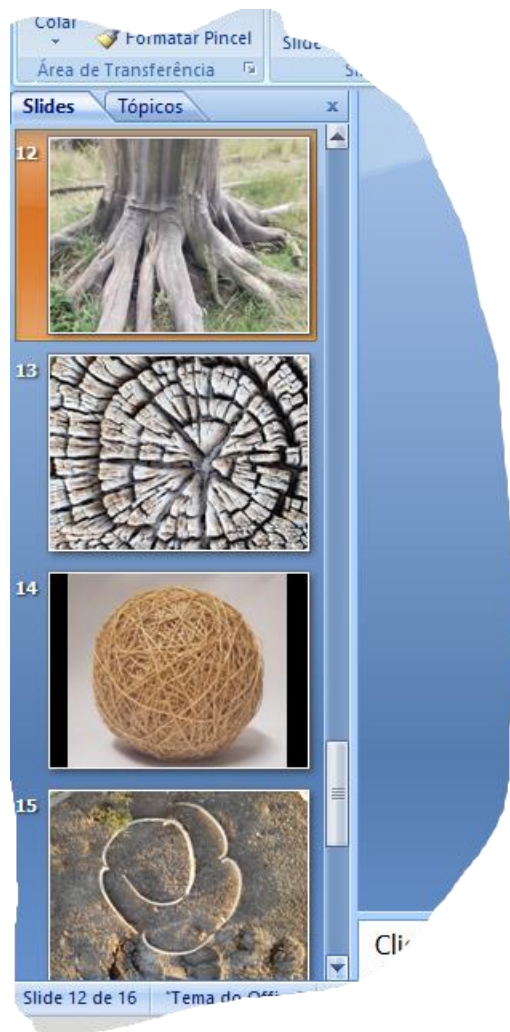
Esse caminhar do pão pelo meu aparelho digestivo, na verdade, possui duas ações: a primeira é o movimento executado pelo pincel e, a segunda, o resultado deste movimento.

As torções do caminho foram corporais não foram somente as mãos que seguravam o pincel, mas os braços e o corpo fizeram parte também de todo o movimento que resultou nas imagens.

A tinta que coloquei no pincel não foi repostada, foi sendo transferida para os papéis até quase não restar mais nada e a ação é finalizada quando o movimento do caminhar da tinta chega a 21ª folha de papel.

A representação da tinta em vários movimentos de torções foi uma tentativa de reproduzir a fisicalidade do pedaço de pão caminhando e sendo absorvido pelo meu aparelho digestivo.

Registro de caminhada sobre as imagens de uma construção de narrativa 2023



Em um dos encontros nos foi proposto fazer a construção de uma narrativa por imagens.

Eu já havia anteriormente separado algumas imagens de registros de trabalhos plásticos, como fotografias de objetos que me interessavam e fotos que eram propriamente um trabalho.

Essas imagens estavam impressas em diversos tipos de papéis e com o modo de impressão de rascunho.

Selecionei algumas, em especial as que estavam impressas em folhas de seda e comecei a traçar um caminho, com uma costura, a partir do ponto da imagem que me interessava. A intenção era marcar o caminho do meu olhar na imagem. Escolhi uma linha vermelha para costurar o caminho.

Pois bem, comecei então, a caminhar pelas raízes, pelas frestas, pelos fios enrolados, marcando o caminho do meu olhar. Sim, estes alinhavos vermelhos marcam o caminho do meu olhar. Quero que sigam o meu percurso através deste fio vermelho que percorre a imagem num movimento de entra e sai dos furinhos que constitui o percurso prévio a ser andarilhado.

Percebi que havia escolhido uma forma muito sutil de marcar o caminho pela costura da imagem, pois, ao fotografar esses trabalhos, o caminho traçado com o fio vermelho quase desaparece em meio as texturas reproduzidas nas fotos.

Decidi então mostrar as imagens inteiras, vamos dizer assim, inteiras e os recortes para mostrar o caminho feito com a costura feita com fio vermelho.

A fatura é importante também, pois o caminho é escolhido fazendo pequenos furinhos pela imagem impressa no papel e depois, sim, vem a

agulha com o fio vermelho percorrendo esse caminho de buraquinhos previamente traçado.



Caminho Bordado Raiz, 2024
Foto impressa em papel de seda verde com fio de bordado vermelho
30 cm x 40 cm



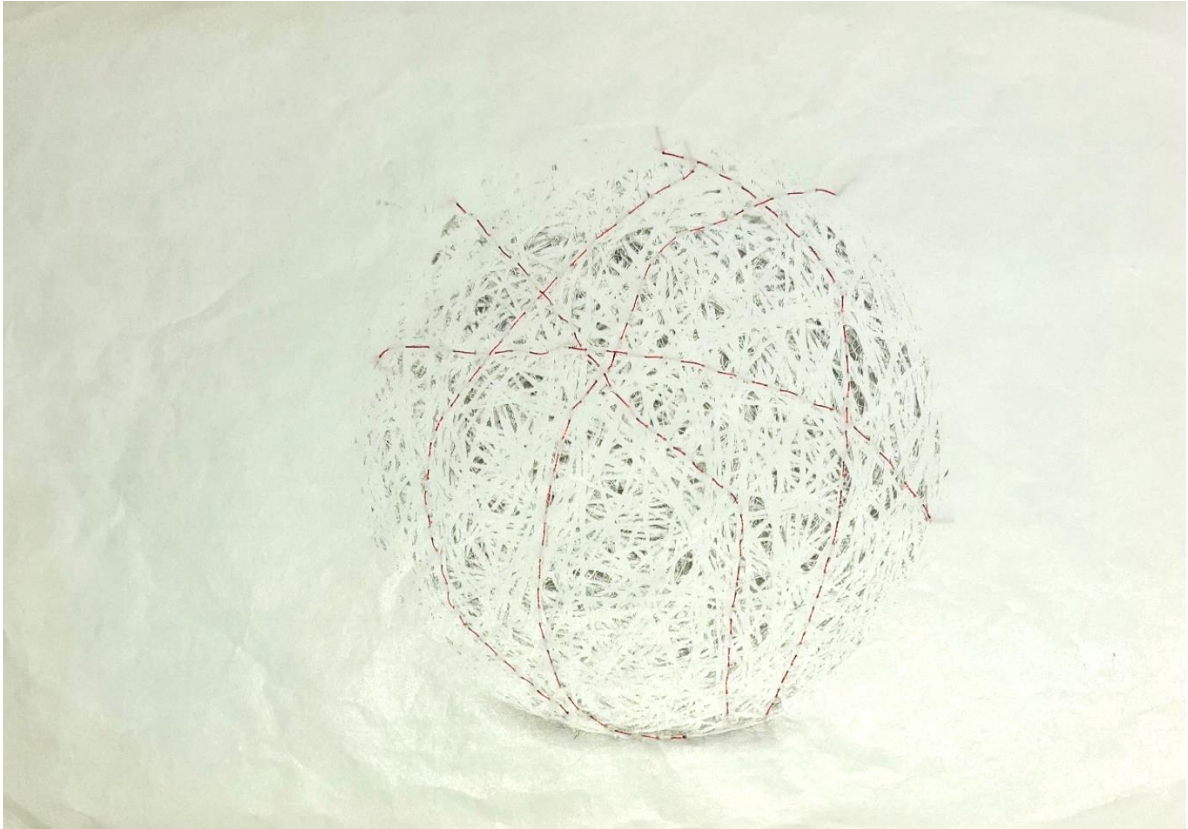
Caminho Bordado Tronco, 2024

Foto impressa em papel de seda verde com bordados em fio vermelho

17,5 cm x 23,5 cm



Caminho Bordado Espiral de Gravetos, 2024
Foto impressa em papel de seda verde com bordados em fio vermelho
25 cm x 20 cm



Caminho Bordado Esfera de Sisal, 2024
Foto impressa em papel de seda verde com bordados em fio vermelho
20 cm x 30 cm



Caminho Bordado Espiral na Areia, 2024

Foto impressa em papel de seda verde com bordados em fio vermelho
30 cm x 20 cm

Caminhado e caminhando.

E, agora, é aqui que revelo construções vindas de pensamentos que procuram racionalizar o que não é racional. Construo ideias e sentimentos que são transmutados em fisicalidade.

Este processo é um caminho muito longo, que já possui um percurso e continua em frente, em círculos? Talvez, mas sempre em frente.

Entrelaçamento de fios - 2017

Quando iniciei a criação de meus trabalhos artísticos (nos anos 1990), construindo formas abstratas em tela, semelhantes a fractais, um professor de arte me disse que minhas pinturas remetiam a tapetes de oração onde o olhar se perde nas formas geométricas. Este movimento do olhar, que percorre imagens de estruturas abstratas, colocaria o observador e, no caso dos tapetes de orações, o devoto, em estado de meditação, de vazio, gerando um descanso mental.

Desde então e até agora me percebo produzindo tapetes ou “objetos” de meditação onde o tempo é uma presença.

Durante a graduação em Artes Visuais (2006), executei alguns trabalhos usando agulhas de crochê e de tricô, estavam arraigados em mim, no DNA da família de mulheres que em idade mais avançada iniciavam esse passatempo produtivo. Sempre vi tias, avó e minha querida ex-sogra tricotando e "crochetando". Eu as admirava. Como de alguns fios e agulhas surgiam casacos, coletes, mantas e colchas?

Apreendi com elas os rudimentos desta arte, os pontos principais, sabia como começar um tricô ou um crochê e conhecia alguns poucos pontos.

Tinha a capacidade de ajudar em algumas feitura, mas era incapaz de conceber o produto finalizado.

Talvez esse tenha sido um “ponto” importante porque quando me vi instigada na graduação a usar materiais e técnicas diferentes ou inusitadas para a construção de um objeto artístico as tramas das agulhas das mulheres da minha família voltaram a me rondar.

Fiz alguns trabalhos específicos que ficaram registrados e guardados no ateliê. Anos mais tarde, durante a pós-graduação em Práticas Artísticas Contemporâneas (2018), instigada novamente por uma proposição feita por uma professora, recuperei esses trabalhos como forma de expressão e os expandi num fazer sem fim.

A proposta da professora foi: “executar uma ação durante uma hora que deixe um vestígio”. O meu entendimento em relação a esta proposição era de que ela tinha tempo e matéria envolvidos. Eu deveria produzir algo físico, palpável e que mostrasse ou registrasse a passagem do tempo.

Então não tive dúvida de que produzir um tecido seria a melhor forma de trabalhar com esta proposta. Retomei as agulhas e montei a seguinte proposição:

“ Iniciar os pontos de tricô com barbante de algodão cru.

Tricotar durante 15 minutos.

Parar por 5 minutos.

Voltar a tricotar com fio plástico, durante 15 minutos.

Parar por 15 minutos.

Retornar para o barbante de algodão cru.

Tricotar por 15 minutos.

Parar por 5 minutos.”

Este foi o início ou retomada de trabalhos com tricô e crochê que, basicamente, funcionam como marcadores físicos do tempo. Este tempo que custa a passar ou que corre depressa. “Apalpar” o tempo nos pontos de fios entrelaçados. Ele está ali congelado. Uma tentativa de conter em um pedaço de malha o que não temos controle. O tempo.

Os trabalhos apresentados a seguir fizeram parte da exposição de conclusão da pós-graduação “Práticas Artísticas Contemporâneas”.

O primeiro, 41,5 metros de Fios de Malha, é uma esfera feita de trancinhas de crochê. O movimento do entrelaçar se repete na construção da esfera. O tempo dos entrelaçamentos foi contado. Cada pequeno círculo trançado com a agulha é reconfigurado de forma circular, retornando em uma forma única.

Amarelo de Ráfia Cristal No.4, apresentada em seguida, possui na sua construção um movimento que não termina. Tem uma circularidade aberta; por isso, cresce em espiral. Como é bom rever trabalhos de anos anteriores com olhos do presente. Agora percebo que estas obras, mostram processos de feitura semelhantes, mas são antagônicas. Enquanto a primeira se fecha, a segunda se abre. Uma gira crescendo sobre si mesma, como a guardar um segredo. A outra cresce num girar que se alonga, se espicha querendo se mostrar e alcançar não sei o quê.

“...o pavor que tinham do som (do nascer) do sol. Tão alto era o som, que eles eram forçados a permanecer com um ouvido no chão e outro coberto com a mão, com medo de morrer. “

COWAN, 1999: 86



41,5 Quilos de Fio de Malha, 2017
entrelaçamento de fio de malha com agulha de crochê No.10,
65cm x 65cm x 63cm

140h 38min 20s



Amarrilho de ráfia cristal No4, 2017,
entrelaçamento de fita plástica com agulha de crochê No.10,
25cm x 180cm x 30cm

14H 50min 36s

Caminhos Bordados – 2021 / 2023

Escolhi a obra, a seguir, para exibir aqui porque coincidentemente é construída por um “caminhar” e possui um processo que também está nos trabalhos anteriores, mas, neste caso, a sua construção tem como procedimento principal usar o material sem cortes. Obviamente, na fatura da obra estão implícitas outras ações e procedimentos que fazem parte da minha poética, que são: o movimento, a utilização total do espaço e a circularidade.

Usei uma talagarça e dois carretéis de fios acetinados usados, em geral, para bordados.

Na verdade, uma peça de talagarça e quatro carretéis de fios estavam no ateliê há algum tempo. Na época que adquiri os fios pensava em usar os tons do preto, dois cinzas e o branco para construir um objeto usando o entrelaçamento de fios com agulhas. Mas o “destino” reservou outro “caminho” para eles...

A talagarça que usei como tela tinha quase três metros de comprimento e dois de altura, decidi utilizá-la inteira assim como os fios que possuíam 50 metros como estava escrito em cada carretel.

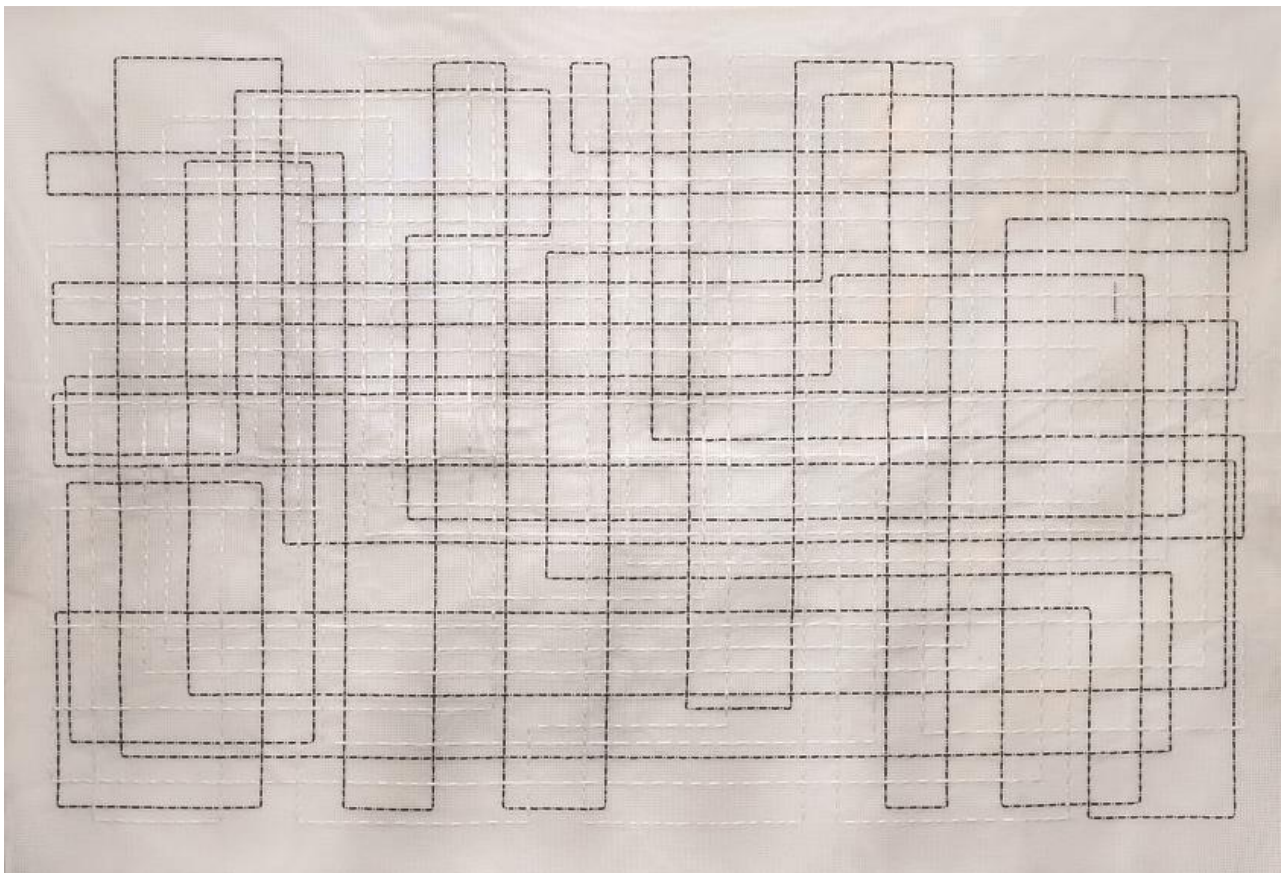
Imaginei os fios percorrendo-a traçando caminhos no sentido de uma paisagem, na horizontal. Então trabalhei com a tela (a talagarça) sempre na posição de paisagem: com o lado maior na horizontal e o menor na vertical. Decidi usar somente o preto e o branco porque teria um contraste maior, conseguiria seguir cada um traçando o seu caminho separado e, ao mesmo tempo, se entrecruzando.

O olhar, segue ora um fio, ora outro num movimento de “vai e vem” percorrendo a tela por caminhos retos. Retos? Onde está a circularidade?

Então, a obra 100 metros de fios acetinados mostra isso. São 50 metros de fio branco e 50 metros de fio preto. Assim como em tantos outros trabalhos esses materiais estavam no ateliê, há pelo menos um ano, esperando o seu momento.

Se me perguntarem qual foi o processo pelo qual pensei nessa configuração e neste procedimento de construção, posso garantir que estava já ali esperando para ser construído.

Cada 50 metros de fio transpassa a talagarça, com dois pequenos arremates, um no início da sua caminhada e outro no final. Como sabemos onde começa e onde termina? Não sabemos, nem eu mesma sei mais. E aqui está a circularidade, o começo, o meio e o novo começo.



100 Metros de Fios Acetinados, 2021
50 metros de fio acetinado preto e 50 metros de fio acetinado branco trespessados em talagarça
138 cm x 204 cm

“Existimos pelas coisas que nos sustentam, assim como sustentamos as coisas que existem através de nós, numa edificação ou numa instauração mútua.”

LAPOUJADE, 2017: 99

E agora, o que dizer deste trabalho “Bordado 5”? Ele está aqui porque quero mostrar como, partindo dos mesmos princípios de fatura e de materiais semelhantes, surgem obras com visualidades díspares.

Ele tem as mesmas referências de fatura da obra “100 metros de fios acetinados”: utilização das linhas de bordado sem cortes, (refugo de um trabalho de bordado que abandonei na adolescência) preenchimento de um espaço delimitado que, neste caso foi um bastidor, circularidade e movimento.

A tela que usei para produzir a minha “pintura bordada” foi um tule também descartado não por mim, mas por uma confecção qualquer.

E, assim como “100 metros de fios acetinados”, a obra “Bordado 5” possuiu os caminhos... sim os caminhos são muitos: circulares, transversais e os que eu chamo de “beco sem saída” (um pleonasma que gosto de usar), quando já foram percorridos tantos caminhos que não restam muitos vazios por onde andar com a linha.

Essa pequena mostra do meu processo surge depois que já aconteceu a produção. Estou analisando, racionalizando o que é construído sem a intenção de seguir as mesmas “regras”, mas que acabam surgindo

como em todo processo de trabalho, tenho um *modus operandi* ativado quando começo a construir minhas obras.

Quero dizer, após anos de distância entre uma obra e outra (2021 – 2023) o processo e os procedimentos continuam os mesmos gerando, porém, obras distintas visualmente.



Bordado 5,2023
Linhas de bordado diversas trespassando tule preto
35 cm x 32 cm

Mandala – Crisálida

Mandalas – Crisálidas, é uma obra que está em processo de feitura. Dezoito já foram construídas, o total previsto, dado o material de que disponho, serão 25. Tenho já uma imagem mental da sua configuração final. Porém, por ser modular poderá ser instalada com diversas configurações em função do espaço em que for solicitada a se instalar. Mas já tenho a imagem da configuração por mim escolhida.

O material que usei são tecidos retirados de mostruários. São retangulares e uma de suas pontas é colada e grampeada em um papel cartão que traz a ficha técnica do fabricante. Esses mostruários são usados pelos vendedores de tecidos e depois que ficam obsoletos, quando chega uma produção de novos tecidos, são descartados. É impressionante o volume de descarte destas amostras que um único vendedor gera!

Recebi de uma amiga por volta de 20 quilos destes mostruários e depois de alguns anos, de tentativas de uso delas em uma obra, os separei por tipo de textura e desenho e retirei os papelões.

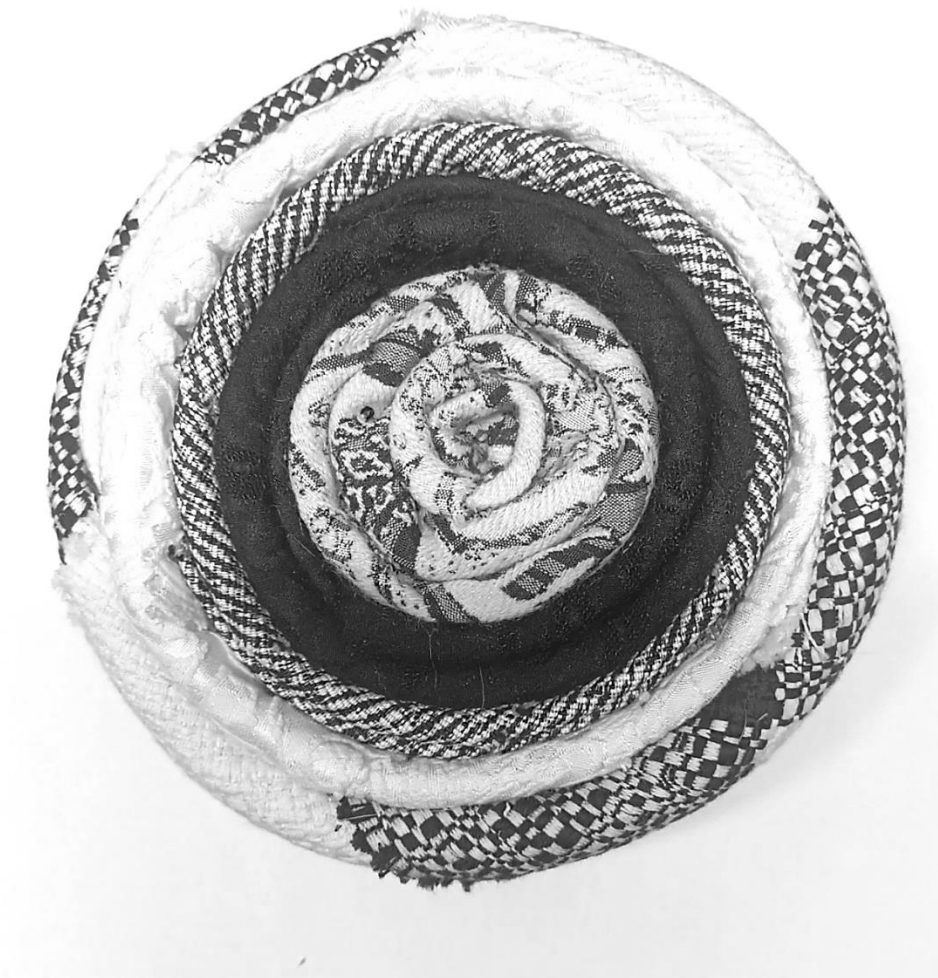
Remexendo neles novamente, este ano, decidi separar todos os retalhos de cor branca e preta.

Então os chamo de Mandalas – Crisálidas bem, por sua forma circular e crisálida porque cada tecido é enrolado no sentido vertical em forma de casulo. E depois cada um deles é enrolado novamente, em formato circular, o primeiro é enrolado nele mesmo, e os demais vão se sobrepondo seguindo a circularidade do primeiro.

Cada mandala-casulo é construída por cinco tecidos, por quê? A primeira que construí quando cheguei no quinto tecido, era o suficiente para cobrir todo o círculo. Então decidi que todas teriam cinco tecidos.

Para fixar uma ponta a outra fiz o mínimo de interferência, costurando um “X” para prender uma ponta a outra dos tecidos quando enrolados em forma de casulo e depois quando sobrepostos em forma circular.

Então todos os tecidos em preto e branco do mostruário serão utilizados, não costumo deixar nenhum material de fora, como se houvesse uma necessidade premente de todos fazerem parte de um coletivo.



Mandala – Crisálida No.1, 2024

Tecidos diversos enrolados uma a um e um sobre os outros em forma circular
2 cm x 7 cm x 7 cm



Cinco casulos, Mandala– Crisálida (em processo)



Primeira mandala e quatro casulos, Mandala – Crisálida (em processo)

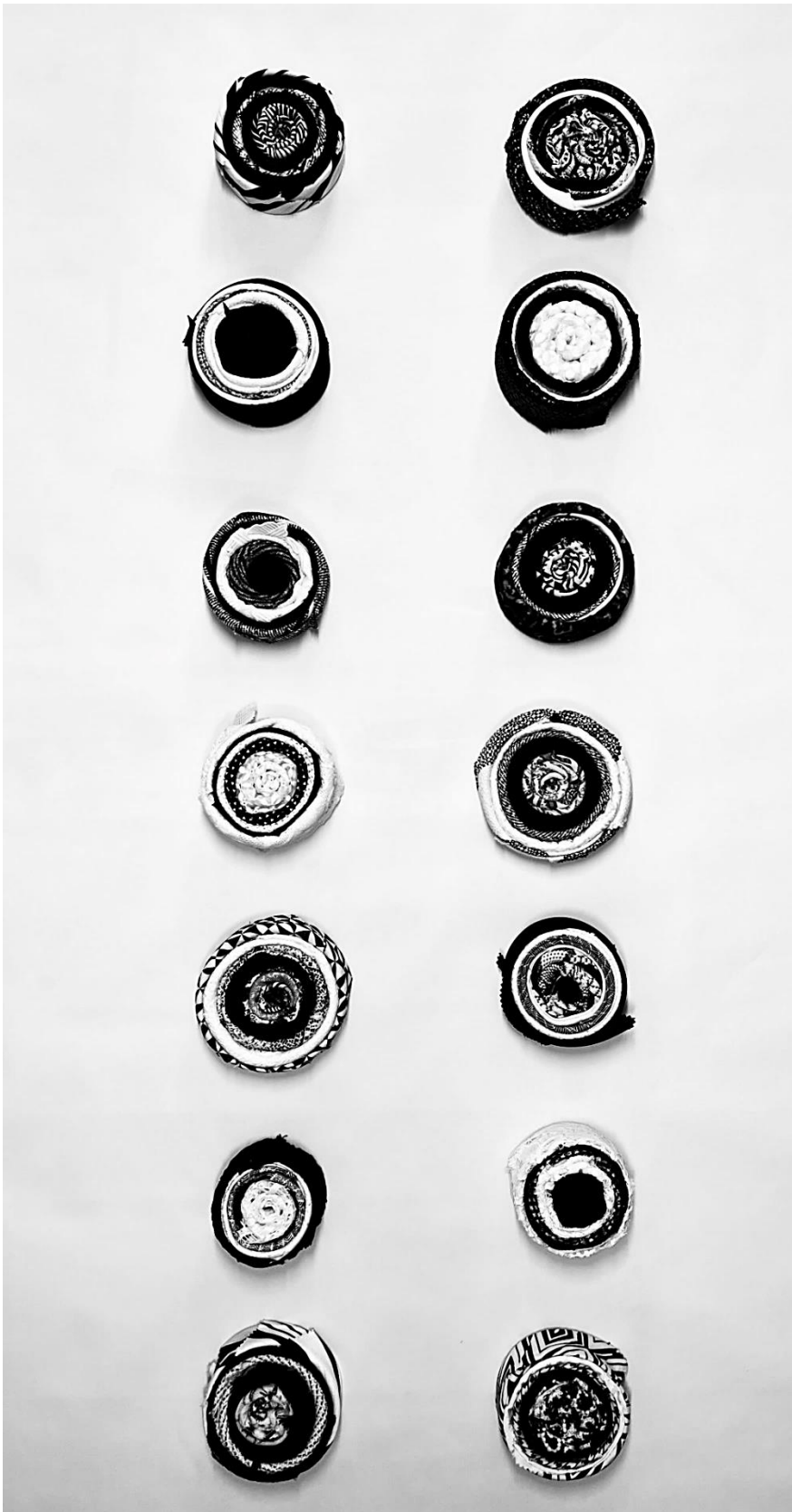


Mandala (feita com dois casulos) e três casulos, Mandala-Crisálida (em processo)



Mandala – Crisálida No.2, 2024

Tecidos diversos enrolados uma a um e um sobre o outro em forma circular
3 cm x 5 cm x 5 cm



Mandalas – Crisálidas, 2024

Tecidos diversos enrolados uma a um e um sobre os outros em forma circular
2cm x 220cm x 125cm (aproximadamente cada um)

Entrelaçamento de Fios – 2024

Finalizo aqui o relato de minhas caminhadas pelos meus trabalhos com a obra “910 metros de amarrilho cristal – Crisálida 1”.

Escolhi esta obra para encerrar esse percurso porque além da circularidade com ela volto a utilizar o entrelaçamento de fios, usado nos primeiros trabalhos.

Voltei a usar este material este ano. Pensei que, agora, trabalhando com tecidos, não retornaria aos entrelaçamentos de fios. Mas eis que surge ele novamente em forma de casulo.

Essa obra foi construída a partir da costura em forma circular de correntinhas feitas com agulha de crochê.

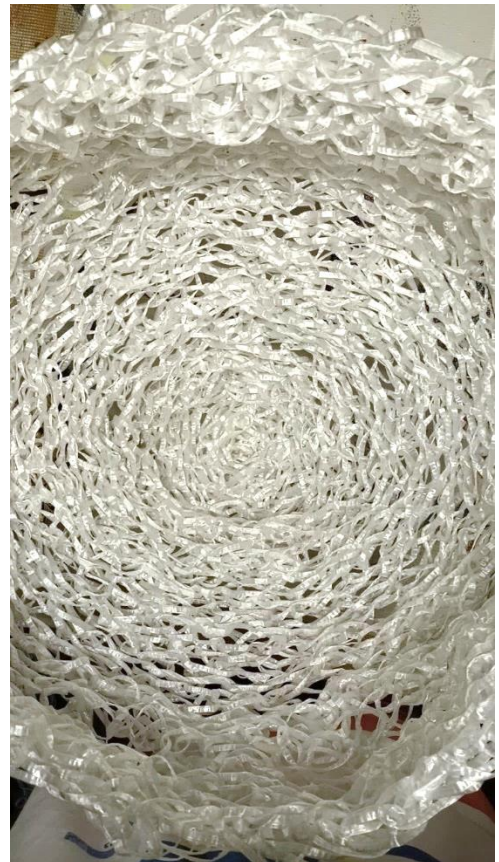
Os 910 metros de fitilho foram transformados em um único fio de correntinhas. Comecei a costurar em forma de círculo cada uma das pontas até se encontrarem e fecharem-se em uma única forma: a crisálida.



910 metros de amarrilho de rafia cristal – Crisalida No.1, 2024
910 metros de amarrilho de rafia cristal entrelaçados com agulha de crochê10
180 cm x 50 cm x 45 cm



910 metros de amarrilho de rafia cristal – Crisálida 1
(em processo)



910 metros de amarrilho de rafia cristal
– Crisálida 1 (em processo)

Começo

Termino aqui minha caminhada sobre meus processos e procedimentos artísticos. Finalizo esse breve relato com o título “Começo” porque esse caminho não termina aqui. Cada um dos trabalhos apresentados possui ramificações, trilhas.

São árvores com raízes caminhantes, sim, daquelas que andam pelo solo e vão longe... Levam água por onde passam, abrem caminhos, semeiam e fazem germinar.

“Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não tem fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo.”

BISPO DOS SANTOS, 2023: pág.102

Referências Bibliográficas

COWAN, James. O Sonho do Cartógrafo: meditações de Fra Mauro na corte de Veneza do século XVI. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PIQUEIRA, Gustavo. A cidade sem nome de Torres Garcia. São Paulo: Lote 42, 2020.

LAPOUJADE, David. As Existências Mínimas. São Paulo: N-1, 2017.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu, 2023.

HILST, Hilda. Fluxo-Floema. São Paulo: Globo, 2003.

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: G.Gili, 2013.

KOPENAWA, ALBERT, Davi, Bruce. A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.